

# Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

**Universidades Lusíada**

Chaves, Mário João Alves, 1965-

## **As moléculas da forma arquitetada**

<http://hdl.handle.net/11067/5862>

<https://doi.org/10.34628/h82s-2x06>

### **Metadados**

|                           |          |
|---------------------------|----------|
| <b>Data de Publicação</b> | 2021     |
| <b>Tipo</b>               | bookPart |

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-09-19T00:43:10Z com informação proveniente do Repositório

# AS MOLÉCULAS DA FORMA ARQUITETADA

Mário Chaves



A COVID-19 veio reforçar a ideia de que a Humanidade tem de acelerar a passagem à Tecnologia; a vida como a conhecemos deixa de ser analógica e inicia a jornada digital; a máquina tecnológica é dominante e o homem cumpriu a sua função, de no fim da cadeia da evolução, ter sido o instrumento eficaz para engendrar a máquina de inteligência artificial que rumará ao Universo.

A Arquitetura serviu para dar a forma à sociedade; para que servirá para as máquinas dominantes? Apenas para a arquitetura dos sistemas? O Arquiteto será o programador das formas, onde a humanidade ociosa irá viver, quais animais de estimação, que as máquinas alimentam, entretêm e cuidam?

## MOLECULES OF ARCHITECTED FORM

COVID-19 reinforced the idea that humanity must accelerate the transition to technology; life as we know it is no longer analog and begins the digital journey; the technological machine is dominant and man has fulfilled its function, at the end of the chain of evolution, having been the effective instrument to generate the artificial intelligence machine that will head to the Universe.

Architecture served to shape society; what will it do for the dominant machines? Just for systems architecture? Will the Architect be the programmer of forms, where idle humanity will live, which pets, which machines feed, entertain and care for?

Criar um estádio de razão, para procurar a ideia da construção de um estado ideal; a humanidade tinha um plano para o Mundo, de menos vício e mais virtude. Por mais vontade, porque para tal a Humanidade trabalha. Mas porque teremos de ter mais trabalho, se havia fé na humanidade?

Suspeitava-se de um processo natural, progressivo, inexorável de valor civilizacional, de nos almejassem grandezas inusitadas, pela além da condescendência animal, proporcionada pela contínua procriação e reprodução de uma longa cadeia e num grau de inutilidade civilizacional elevado perante as capacidades incomensuráveis do homem do progresso, progrediríamos sem fim.

Nesse sentido de superioridade evolutiva, provamos a árvore do conhecimento, tomámos tragicamente consciência da existência e da finitude, e para além da possível redenção pela Arte, na tecnologia inventamos um mundo alternativo, viciante e viciador, cuja dependência é definitiva para com a nossa condição de homem civilizado e educado. Tal como sabido, Urizem, o deus que carrega a personificação da razão e da lei, inventou a ciência e o trabalho, para forçar a humanidade, na senda da escravidão de um pensamento único nas malhas normativas do direito e da sociedade convencional.

Podíamos lembrar o paradoxo da Rainha vermelha de Copas; as novas tecnologias e o desenvolvimento da inteligência artificial, deveriam ter diminuído consideravelmente o volume e o horário de trabalho, ao ponto de se ter chegado a projetar o fim da sociedade do trabalho [prorrogativa de Karl Marx], mas o que acontece é que as pessoas trabalham cada vez mais, enredadas numa teia sem fim de ocupações; advém daí o paradoxo da rainha vermelha de copas, que se traduz no facto inequívoco de que é preciso correr cada vez mais depressa, para se conseguir permanecer no mesmo lugar. Acontecia em Alice no país das maravilhas ao tempo da ascensão da indústria, que entendeu que no esplendor do capitalismo brilharia a lei absoluta do valor; acontece agora, com a ideia do excesso de otimismo no consumismo desenfreado, para manter um aparente equilíbrio burgues de satisfação plena.

A COVID 19, veio revelar a fragilidade desta pirâmide, assente na infalibilidade da prosperidade, da constituição dos colossais monopólios, sejam económicos, sejam políticos, que condicionam fortemente a ideia de liberdade de escolha, que ainda julgávamos ter.

E a Arquitetura consumida de modo tão desenfreado e indiferente, não passa de um amontado de peças produzidas industrialmente, em tempo e modo, que de tão acelerado, envelhece precocemente e é tão desprezada, retirando-se lhe toda a dignidade, na mera reciclagem da sua forma e substância, sem valor acrescentado, porque a sua obsolescência física, funcional e económica, torna-as num mero meio de produção de capital e de especulação de interesses.

E eis aqui chegados, a este estádio de sociedade, herdeira de uma longa cadeia de pensadores; estamos continuada e repetidamente a re entender-los, porque temos a convicção de que para entendermos melhor um homem, um tempo e as suas ideias, é preciso estar, estudar e permanecer nos lugares onde as ideias tiveram origem e onde os factos circunstanciais ocorreram.

Neste Mundo em mudança acentuada, para tentarmos entender completamente um homem e as suas ideias, é necessário visitarmos o lugar onde as suas ideias se manifestaram; porque se é verdade que as palavras permanecem no ar, as emoções, os pensamentos, e a retórica, permanecem continuamente, nessas moléculas que preenchem as formas e os espaços. E todas essas formas foram e são Arquitetura. Quantidades inimagináveis de moléculas aglomeradas e reagrupadas pela energia da transformação comandadas pela ideia estão presentes e respiramos, sentimos, incorporamos.

A ideia, essa grandeza da invenção, umas vezes resgatada pela Beleza da Arte outras vezes disputada pela Força do Engenho; em ambas circunstâncias geradas pela Sabedoria, pela qual o conhecimento se difunde e ampara o trabalho. Mas é a Sabedoria que faz acontecer, nesse milagre do limite entre o vazio do antes e a plenitude do depois. Porque a Arquitetura, que encerra o mistério da revelação, incorpora em si mesmo todo este imaginário, no fundamento ideal de uma própria existência na codificação do carácter do homem e da sua sociedade no seu tempo, uma nossa história

que não mudou assim tanto, e somos feitos e alimentamo-nos dessas mesmas moléculas, que emanaram das vontades no passado e do presente. A Arquitetura é de sempre e para sempre será, e, por isso é redentora, reveladora e renovadora.

Vivemos um momento em que a liberdade está em risco e a nossa consciência é ignorada ou ofendida; a tecnologia parece avançar para nos aprisionar no mecanismo que inventamos para nos libertar; a Arquitetura, que é da parte da Sabedoria, a Beleza da arte das formas, não pode ceder a ser o sucedâneo da indústria ao ser uma mera linha de montagem, que a partir de uma escolha resulta numa forma total, mas maquinaria indiferente, eficiente, incapaz, em suma, uma máquina de habitar, como Le Corbusier nunca sonhou, uma fábrica de funções, maquinaria que depressa se deprecia, formas que não suportam os caprichos da atmosfera e os humores dos cidadãos. Está a ser evidente que as pessoas são um incómodo para a sofisticação das sociedades; as pessoas serão apenas apêndices que as tecnologias, instaladas em formas industriais, usufruíram do que lhes for proporcionado pela sociedade ideal.

Na herança clássica pela ideia da democracia e da filosofia, foi nesse tempo que se proporcionou que Platão descobrisse a alma, e por tal permanecemos na sua alegoria da caverna, com a sombra das ideias, onde não se entende melhor o que deve ser compreendido. Estaremos à procura das nossas sombras, porque nos manifestarmos à luz ao trabalharmos ao meio dia, onde os corpos não projetam sombra, para não projetarmos mais obstáculos na nossa vazia e negligente vida quotidiana. É uma sedução do proibido, neurótico, egoísta e um pouco imoral, mas perfeita para se tronar um ponto de referência, porque existe a voluptuosidade de interpretar uma constante visão onírica do que deva ser o nosso papel no Mundo.

E esta alma, o nosso sistema operativo, acompanhou-nos 2600 anos, até que agora se informa que a Alma é uma 'ideia obsoleta', que nunca ninguém a viu e já não é necessária, afirma o psiquiatra Pier Vincenzo Piazza, que em 'Homo biologicus' defende que a conceção dualista corpo/alma esta obsoleta e a biologia basta para explicar a evolução da natureza humana do estádio pré-civilizacional ao mentor da inteligência artificial.

É o fim de uma era, de um paradigma; afinal o homem social não é mais que o extremo avançado da sua própria animalidade, e a construção dos valores sociais que lhe advém, são apenas meios conceptuais de expressão última de uma evolução biológica. Seremos então o último elemento na longa cadeia de evolução [do modo como a conhecemos] e poderemos também ser o seu fim.

Poderá ser o fim de um conceito da nossa infalibilidade enquanto ser eleito, privilegiado e dominante. A nova era da máquina inteligente ganhou o protagonismo necessário para encetar uma nova perenidade e poder partir para a exploração dos recursos do Universo pelas máquinas que se alimentarão a si próprias, condição que aparentemente nos é negada pela nossa fragilidade e finitude biológica, face à magnitude e vastidão do Cosmos.

Esta sociedade que criamos então em 3 000 anos, é a soma de muitas individualidades, que talvez não tenha uma identidade exata, mas estava certamente incorporada de uma alma; tal como Platão, que pode ter entendido tudo, não entendeu só que o homem tinha uma alma ao seu tempo, como também entendeu e legou que a compomos em três elementos; o instinto, a emoção e a razão. É a razão dos arquitetos, que entender toda extensão da necessidade da beleza; e a beleza tem uma razão, uma fórmula que deriva do ritmo do espaço, do valor da proporção, o segredo do número, o valor da grandeza de uma forma que responde a uma exigência de utilidade e não de uma mera funcionalidade.

Pode existir uma expressão do comportamento do homem que não se relacione com uma destas suas três partes, na sua caverna, que se referem às suas ideias cada vez mais fechadas; entramos na caverna como homens acorrentados, de costas voltadas para a entrada de onde a luz pode provir projetar-se na parede do fundo; com as sombras dos que passam. Para os que estão amarrados e não podem ver o exterior, as sombras são os vícios reais; mas se por um testamento se libertarem, quando fora, apercebem-se que não são apenas sombras, uma cópia indistinta da realidade. Depois desta caverna, podemos ver o nosso instinto, a nossa emoção, e acima de tudo a razão, e entender o quanto cada parte ocupa no todo. Porque podemos renascer, porque ganhamos as três con-



dições que talvez qualifiquem a vida; a memória, a dignidade e a esperança.

O tempo vai esgotando a esperança, a dignidade perde-se quando apenas sobrevivemos, e a memória é o que nos resta da plenitude da vida. Não numa afetação, mas uma preparação para a singularidade. Como em Dostoievski, nem sempre o crime é castigo. Será o homem capaz de viver renunciando a abusos e privilégios? Pagaremos os pecados dos nossos antecessores ou encontraremos a metamorfose, porque os muitos vícios e poucas virtudes dos homens, são o primeiro retrato do carácter do homem, a culpa imaginativa dos pecados de alguém que não pode ser julgado e punido. Algo pode ser o ato moralmente errado, se o objetivo for nobre e grandioso? A Arquitetura pode estar ao serviço das tiranias e ditaduras? Também tem de estar.

Lembremos que o homem civilizado mata continuamente o precedente, em nome do progresso e da tremenda quimera do ideal de combate da tirania da genologia, a primeira e grande autoridade com a qual nos devemos medir, porque todos nascemos e crescemos em cativeiro, da família, da sociedade, da cultura, do grupo, da geografia, e dos julgamentos dos outros, que são as últimas e difíceis grades da nossa jaula. Em que algum momento, a porta é aberto, mas poucos são os que querem olhar para fora ou ousar ver a jaula de fora, porque poucos tem a força e vontade de sair definitivamente, perante a autoridade imposta e nunca questionada; matar o precedente será a derradeira expressão do livre arbitre-o e o gatilho para o inesgotável e derradeiro progresso de cada tempo de cada um e de cada sociedade. Talvez então, se incorporássemos de facto uma alma, esta não permitisse as atrocidades que em nome das boas intenções e em nome do progresso, provocam danos irrecuperáveis e irracionais. O caso recente da explosão de Beirute é paradigmático.

A nova arquitetura da assemblagem de peças e pecinhas, erigida numa rapidez inimaginável, carregada de fios e condutas, cada vez mais capaz de resposta no imediato, mas muito ineficaz num futuro próximo, porque esta sempre desatualizada. Está viciada em novidade, em up loads, em cumprir rácios de funciona-

mento e desempenho. Uma quimera. É algo difícil de definir, mas a Arquitetura é Arte, não é técnica, e andaremos enganados enquanto assumirmos que a Arquitetura é uma Engenharia de Construção, tal como a Poesia não é uma gramática eficaz e Escultura não é o trabalho eficaz da maquinaria sobre a tridimensionalidade dos materiais. Neste vórtice de eficácia industrial e digital, temos de eliminar definitivamente com a representação teatral, com as orquestras sinfônicas, com as companhias de dança; todos algoritmos da sofisticação da sociedade digital farão melhor, sem erros, sem falhas, com melhor definição e inequivocamente mais eficazes. Neste momento, em que a Arte passa a ser Indústria Artística, houve em definitivo uma mudança de paradigma.

O Mundo atual, a que a Arquitetura deu e continua a dar forma, fez um patricídio, com início na revolução industrial, sendo que sem patricídios não haveria nunca revoluções. Passamos da idade da Arte à idade da Técnica; da Beleza à da Força; e nesta idade vivemos. Estamos trancados na jaula de Lissa, incapazes dela sair. Sair deste cativeiro social será o maior esforço, que o homem enfrenta em toda a sua vida, porque não devemos dar nada como garantido e não devemos ter medo de exercer o direito à dúvida; neste nosso tempo, temos todo o direito a mudar de opinião e julgar de modo distinto e inusitado, mas por vezes sermos disruptivos é insuportável, na contradição do que outros tomam como óbvio, habitual, na sua preguiça intelectual.

Os arquitetos deverão ser revolucionários e o seu 'Cocktail Molotov', é o de continuamente questionar e sempre duvidar, afirmando sempre as perguntas feitas independentemente das respostas. Podemos sair de tudo isto como homens derrotados, face ao avanço avassalador de um mundo normal, normalizado, discricionário, que nos despreza, mas não chegaremos ao fim da viagem, com o remorso de não termos tentado sair da jaula de Lissa, que nos prende, na ira, na raiva, na fúria, na loucura desenfreada, na indiferença. O Mundo que todos fabricamos assim vai, desigual e desequilibrado; porque se cientificamente somos todos iguais em 98.5 %, a diferença dos 1.5 % deve ser acentuada e valorizada. Porque apenas neste 1.5 % está alguma da nossa perfeição, toda a imperfeição e a

iniquidade; todo o vício e toda a virtude. Toda a diferença. Seremos talvez e apenas um algoritmo construído em ADN pelos genes, que na qualidade de construção do dito algoritmo, tenhamos ido mais longe na longa evolução da animália, do mero mamífero ao homem civilizado, que teve de inventar a Arte e a Filosofia e descobrir a Matemática, para que nesta triangulação afirmar-se como o esplendor de um tempo cósmico decorrido aqui, neste singelo planeta de água, atmosfera e luz solar. As singularidades [como os milagres] aconteceram em momentos incertos; seremos uma singularidade?

Teremos agora mais uma ocasião perdida, para assumir na nossa sociedade o inaceitável abuso do poder da normalidade e da banalidade, que faz prevalecer o privilégio sobre o mérito, o lucro sobre o social, o desperdício sobre a frugalidade, o excesso sobre a austeridade, e o interesse do vício sobre a igualdade da virtude, da banalidade sobre a singularidade.

O arquiteto não tem de ser moralista, porque não é senhor da razão, mas deve contribuir para uma Humanidade mais contributiva, como sempre fizeram, mesmo quando trabalhavam para tiranos e ditadores, inventando ainda assim a forma melhor para com uma melhor sociedade. Talvez por tal e para equilibrar os excessos, os melhores exemplos de formas de arquitetura ocorreram sempre em períodos onde por algum modo de exercício de poder era manifestado em modo formal consistente e efetivo.

Um homem corre graças à vontade, resiste graças ao coração, e vence graças à perseverança. O arquiteto deve entender o Mundo que inventou pela beleza, mas este ande a tornar-se num lugar feio, pelo enorme desprezo que votamos ao planeta que nos acolheu e ao ambiente pela depravada degradação que lhe infligimos e na inesgotável vontade de extração.

A Arquitetura enquanto entidade a-natural, não deveria ser contributiva para a ação de exploração exaustiva dos recursos naturais e humanos; a Arquitetura enquanto entidade cultural, deve ser paliativa e contributiva para a obtenção do verdadeiro valor do lugar do homem, que transformou esta Terra no seu Mundo [o Mundo Aristotélico da constituição dos lugares fundados foi apenas há 2600 anos].

Mas somos agora 7 000 000, e a mera satisfação da necessidade elementar, impulsiona a exploração e toda a construção, porque no nosso distanciamento da natureza, lhe temos toda a superioridade de uma indiferença interiorizada e enraizada, por séculos sem concorrência e sem limite. O Corona Vírus é um concorrente e uma ameaça para a nossa inquestionável e inabalável e egocêntrica visão do nosso domínio sobre o Universo. Quanta soberba!

*'O inferno está tão cheio que até o Diabo se mudou', nas palavras de B Fachada, no seu disco Rapazes e Raposas, de 2020, que ainda canta 'A cada mais cem anos que hão de vir. Hão de vir mais maldades e agonia, hão de vir mais injustiças e azar, nunca vão faltar o desgosto e abandono.'*

E se muitas pandemias já houve, alguma desafiou esta nossa inconsciente e distraída superioridade, que julgamos impossível de ser confrontada e desafiada, amplamente difundida pelos meios da idade da força, que começamos a ensaiar na idade industrial, para dominarmos desenfreada e abusivamente, o planeta, que na tabela periódica, provem todos os elementos que satisfazem plenamente as nossas necessidades, vontades e caprichos.

A Arquitetura, enquanto foi mais o resultado do valor da ideia que a sua consequência, exultou o poder da realização da vontade, cumpriu uma missão e um desígnio; depois transformou-se numa máquina de eficácia, que como todas as outras, exige muita energia para funcionar e deprecia-se rapidamente, para não mais se valorizar. As únicas máquinas que se valorizam, são encaradas como objetos de Arte, ainda que múltiplos; as outras são meros resíduos de sucata para reciclagem. As máquinas de habitar, são meros maquinismos funcionais, com tempo de validade certo e curto e fim determinado.

De quantas epifanias necessitamos, para que Arquitetura retorne ao seu papel plenipotenciário de organização e estruturação da cidade e da sociedade, que com a maior complacência entregamos à visão estrita e estrita das engenharias?

Todo o poder abrangente de Bramante, Miguel Ângelo, Bernini, Borromini, e Palladio não pode ter sido em vão; a sabedoria do número, o domínio da forma pelo ritmo do espaço, talvez a sabedoria

do uso da alquímica fórmula da beleza, cuja origem tenha sido, no reconhecimento por Pitágoras de que o número não é uma entidade mas uma abstração que dá sentido cosmológico ao Universo, aproxime a Arquitetura à grandeza que dá a unidade da vontade 'do Grande Arquiteto do Universo.' Outros houve e ainda, que nesta idade da reprodução mecânica da obra artística [Walter Benjamin], se quiseram aproximar do valor pleno de uma forma plena na realidade abstrata dos sólidos Platônicos revelada, na caverna do entendimento; Mies van der Rohe, Philip Johnson, Peter Eisenman, Frank Gehry, Zaha Hadid.

Estes estavam tão próximos do pensamento de Pitágoras, como a Cidade de Deus de Santo Agostinho, como da filosofia digital da elaboração de algoritmos, no entendimento do macro cosmos pela teoria da relatividade, como do micro cosmos pela teoria quântica; tudo é unido pela fórmula da beleza e a Arquitetura a todos tem dado uma forma que os acolhe e que lhes dá sentido na plenitude do entendimento do sentido social. A sociedade foi sempre a Arquitetura construída e reconhecida para com a vontade política e social.

O número plástico, que tudo molda e tudo enforma, seja pelas relações geométrico-matemáticas de Piero de la Francesca, pela revelação extraordinária da divina proporção de Luca Pacioli, pela articulação geométrico-numérica fractal de Benoit Mandelbrot, mostra que tudo esta ligado e conectado; constatam-se todas as relações universais, com a beleza do seu reconhecimento.

Reconhecimento, porque se tem conhecimento fundado na beleza matemático - geométrica de uma realidade perene e a-histórica. O Universo é belo porque tem uma razão. Na veleidade do reconhecimento de uma autoria, pretendeu-se progredir de um grande Criador do Universo a um grande Arquiteto do Universo e agora para um Grande Programador Universal, em que segundo Edward Fredkin, existe um Criador-Programador, que pela sua inteligência primeva constrói algoritmos para tudo e tudo; a inteligência sobre um processo e sistemas do início, do saber ser e o seu falecimento.

Mas esta expressão não será consensual ao nosso entendimento pleno e na diversidade de abordagem, o Budismo dirá que não

acredita num criador, menos ainda num arquiteto e de todo num Programador; nunca pode haver um instante sem o instante anterior, e, o resultado não poder ser de natureza diferente da causa. Não há coisas que surgem do nada, diz Carlos Quintas, *A mente que percebe a matéria e a matéria não são duas coisas diferentes. São apenas dois aspetos da mesma coisa. O que interpreto como exterior é uma projeção da minha própria mente; quando temos um sonho, a mente cria um mundo digital, e nesse mundo há coisas que conhecemos; enquanto estamos a sonhar aquilo parece-nos real, parece que as coisas existem; quando acordamos vemos que aquilo foi uma projeção da nossa própria mente. A filosofia Budista não resulta da divagação intelectual de alguém. É uma filosofia irrefutável; é uma visão informática da nossa mente, simples e estruturada. É como reprogramar o computador que tem emoções e sentimentos. A consciência é o que nos distingue das máquinas. Ela é um continuum de instantes que não se podem parar no tempo.'*

Sidarta Gautama e Platão partilhavam da mesma referencia do entendimento da consciência humana, e tendo ambos vivido no mesmo período referencial temporal, permitiram em antípodas, uma evolução social, cultural e politica, distintas, sem contudo perderem o fito da sua visão, que é a possibilidade da Budismo revelar que o nirvana é o estado de liberdade frete a todos os condicionamentos emocionais , em que habitamos um estado de tranquilidade sem medos nem expectativas, nem ansiedades, porque só essa liberdade é genuína, e Platão revelou-nos que na caverna das sombras, a luz conhece-se quando existe a liberdade de querer ver para além da sombra.

O mesmo princípio de liberdade; Cristo trará uma outra visão de liberdade sobre o pecado, do vício em favor das virtudes, mas será 600 anos depois, num outro tempo e geografia. Mas a religião que fundou, veio a dar origem à mais poderosa instituição do Mundo, a qual soube, para sua glória, produzir as mais qualificadas formas de Arquitetura e espaços públicos, que o Mundo Ocidental conheceu e soube incorporar na sua identidade.

Mas a vida consciente é um processo analógico, não digital; implica presença física, socialização e fruição coletiva; e presentemente tudo é um dilema; o Mundo queria ser um Globo, numa globali-

zação que seria um processo irreversível, a sociedade quer ser digital no seu todo. Mas a Covid 19 veio travar a globalização e acelerar a digitalização, restringir a socialização e impedir a fruição coletiva; mas somos seres analógicos; como resolver este trilema? Museus virtuais, condena os museus de obras de arte a meros armazéns; festivais de música por transmissão em streaming converte-os em meras reproduções de um evento. O próximo passo de definição nesta indefinição em que nos colocamos, é a criação de um avatar para cada um de nós; personalizado e caracterizado, que avence pelo Mundo e pelo Universo, que de o corpo às balas e desbrave o inusitado, enquanto engordamos confinados e em distanciamento social, num local qualquer rodeados de tecnologia que nos conforta. E passaremos a ter os nossos deveres, obrigações e direitos e compromissos sociais enquanto avatares, em arquitetura e espaço urbano virtual?

Este nosso Universo é uma consequência de algo a que chama inteligente no seu reconhecimento, ao existir uma trindade de demanda da filosófica; a consciência, o pensamento e a memória. Esta trindade é a essência do homem social. A base da computação de um novo tipo de pensamento, que modifica o significado do verbo compreender, porque implica a programação, é algo inteiramente novo na nossa epistemologia. Como referiu Fernando Pessoa em Livro da Inquietude; 'Além da ciência que apenas lida com números mortos e fórmulas vazias, e por esse motivo pode ser perfeitamente objetiva, a matemática é todo um jogo de crianças ao entardecer.'

Nada mais similar à diferença da mera construção, para com o sentido da Arquitetura.

Os algoritmos podem agora inventar a boa forma da Arquitetura, mas o algoritmo tem de possuir o sentido da utopia da forma ideal, para com o pressuposto do cliente, a exigência da utilidade, a grandeza da satisfação da sociedade no seu tempo. Arquitetura para máquinas inteligentes é algo paradoxal, porque as máquinas não a inventaram.

Temos construído uma sociedade ideal? Não. Mas o sentido da construção da forma qualificada, deve ser uma constante exigente

da sociedade. O sentido da Arquitetura é o da construção de uma sociedade plena; não o da satisfação imperiosa de desígnios mecanicistas e economicistas, como se de mais nada pudesse produzir, que não a sua reprodução em massa, máquinas eficazes de consumo das vontades e exigências, que cumulativamente se criam, para perpetuar a cadeia contínua de progresso, que outros preveem como messiânico para a salvaguarda dos valores civilizacionais que agora parecem ser a razão única da nossa existência, na absorção de um sentido de cultura dominante.

O heterodoxíssimo do desígnio da Humanidade na sua complexidade e riqueza de ação, tem compelido à aceitação da heterogeneidade do pensamento, da técnica e da arte, num único movimento perpétuo, capaz da surpresa e do reconhecimento da entropia e da seridependência, como binómio capaz de alimentar a ambição do conhecimento e o valor do alcance da sabedoria.

Mas a Arquitetura, será capaz da alquímica ação de reconhecer e atenuar a distância da filosofia para com a ciência, no sentido da convivência, tal como Umberto Eco enunciou, em que o filósofo é aquele que sabe tudo que sabe tudo, mas mais nada. Tal como o cientista. Tal como o sábio. A soberba grassa entre os eleitos, todos.

A Arquitetura, neste grande palco, anseia ambicionar triangular a reconciliação da filosofia com a ciência, uma vez que reconhece que os seus extremos são próximos. Foi um grande infortúnio que para a ciência triunfante, houvesse a convicção, justificada, que a filosofia não era mais que um artifício inútil, porque desde o tempo de Schelling, Goethe e Hegel, ocorreram desenvolvimentos significativos na sua estrutura que as tornaram de grande valor, mas separadas e de expressão antagónicas, a ciência operativa e a filosofia especulativa.

O crescimento das ciências, na idade da técnica triunfante, redundou numa falta de estruturação consequente da ausência de uma crítica competente e alternativa de pensamento, ao pensamento dominante. Afinal qual é o seu desígnio?

Por esta consequência, também a Arquitetura tem sido vinculada e conotada com o progresso inexorável das nações, ausentando-se da discussão filosófica do seu ser numa idade industrial e de



reconhecimento científico imparável, remetendo-se para um feudo coletivista, normalizador, sistemático e dogmático. Ortega Y Gasset assumiu que uma verdade pode ser muito exata e, não obstante, ser muito pouco verdade. E a quem pertence a verdade?

Esta foi uma consequência de uma linguagem que apostou tudo em certezas, ausentes do princípio da incerteza, para robustecer as nossas certezas na realidade de um mundo dominado pela fé cega na tecnologia, na resposta pronta científica e no conforto digital do distanciamento, uma vez que este conhecimento pode ser totalmente determinista e caprichoso.

A Arquitetura sempre teve o sentido da oportunidade e a mais valia da elegância de discorrer sobre o que mais afeta e impressiona sociedade; a falta de identidade sobre o pensamento e a ambivalência da absorção de modelos que lhe são endêmicos, depois de décadas de alheamento e domínio estranho; e não reexaminar a necessidade de confrontação. Afinal, a Arquitetura foi operativa ao tempo da filosofia e especulativa no tempo do determinismo científico.

A Arquitetura deu muitas vezes forma à ideia de Utopia; a ou topos, isto é, a superação de um lugar ainda desconhecido, o lugar ideal que não o é agora, mas que pode ser construído e conhecido no futuro. Reconhecido, como nas nossas circunstâncias, também é necessário, porque podemos confrontá-lo e não o reconhecermos, e ser continuamente uma quimera.

O conceito de Utopia é atribuído continuamente a tentativas de construção de modelos sociais, econômicos, culturais, tecnocráticos, religiosos, políticos; os eternos enigmas da sociedade ideal que consome os recursos e adia constantemente a sua capacidade de realização do presente. Utopia é definitivamente o lugar que não existe, tal como a nossa racionalidade política, filosófica e social. Passamos metade da vida a tecer duras críticas à sociedade e outra metade da vida a ansiar pela nossa sociedade perfeita, segundo os nossos pequenos valores, vontades e caprichos.

Segundo a Utopia de Thomas Moore, pode existir um modelo de Utopia moldado pela sua visão, em que a organização política, organiza as famílias, a divisão do trabalho, a urbanidade, a alimentação, a saúde, a cultura, o conhecimento, a sabedoria; todos na ilha da

Utopia, tinha necessariamente de ser numa ilha, todos viviam felizes, naquele conceito de felicidade fácil e alheia, em que alguém decidiu e bem por nós. Porque a utopia é um homem só, uma ilha, de isolamento com o Mundo que a cerca. A utopia é um homem só, sem confronto sem lógica sem retórica, portanto uma ilha sem referência

Todos vivem felizes, não desejam mais do que o que tem, pois cada um tem o que necessita, estritamente, não mais; e praticam as virtudes da temperança e da moderação, frugais e comedidos. A Utopia surgiu no conceito de sociedade ideal e quando alguém providência realidades mais perfeitas que outras, têm o direito de impor a sua Utopia a todas as outras utopias, que numa cascata de hierarquias, construímos para conforto necessário e de consumo obrigatório a todos aqueles a quem poderemos impor a nossa vontade própria.

Vivemos numa Utopia, ocupados e entretidos; julgamos escolher as pequenas coisas e atividades, com que preenchamos os dias das nossas vidinhas. Julgamos escolher as grandes coisas e as grandes causas; mas está tudo escolhido, enquadrado. A Utopia não nos liberta, prende-nos. Toda a Utopia é uma ideia de sociedade possível, porque imposta, com um certo grau de aceitação, consequente da aniquilação da anarquia como a liberdade plena.

A razão humana capaz de resolver com isenção e propósito as questões do bem comum, enquadram o protótipo da vontade imposta em desfavor da vontade de outros. Outras Utopias já foram enunciadas; a República de Platão numa primeira concepção utópica, a Cidade Virtuosa de Al Farabi em que Medina é uma cidade ideal governada por Maomé, a Wolfaria de Johann Eberlin von Gunsburg em que o valor luterano prega severos castigos aos pecadores, Uma Utopia Moderna de HG Wells onde um governo mundial detém as terras e o poder, o trabalho físico foi eliminado, há uma aparente liberdade generalizada controlada por uma ordem de samurais.

E outras Utopias foram já concretizadas, como já soubemos reconhecer na história. E nós os arquitetos, somos utópicos ou distópicos? Escolhemos ou somos escolhidos? Convergentes ou divergentes na sociedade disruptiva? Que luta podemos travar em nome de que Utopia?

A Inquietação é um conceito chave, como cantava José Mário Branco; – *Há sempre qualquer coisa que está para acontecer, qualquer coisa que eu devia perceber. Inquietação Inquietação!*

E os New Order – *Restless I feel so restless And in this chancing world I am lost for words.*

Somos profissionais desassossegados? Porque devemos estar inquietos?

Porque fomos sempre os elementos capazes de mover em frente, como o Modernismo foi resposta, à Iª Guerra Mundial à tuberculose e à cólera; foi a resposta de Alvar Alto, Le Corbusier, Mies van der Rohe, que deram o passo em frente para melhorarem a vida, que é o nosso grande papel nasociedade. Foi uma das ultimas grandes revoluções que provocamos. O que é que a COVID-19 nos vai exigir?

A arquitetura deve ser uma inquietação para a sociedade e os arquitectos devem ser seres inquietos, muito inquietos, atentos, interventivos, politicos, determinados, valentes.

Se não, não o são verdadeiramente, e são-no muito pouco.



## **RGEC-19 - REGULAMENTO GERAL ERA COVID 19**

COVID 19 sugere também o nome de um regulamento; os políticos são hábeis a inventar nomes, como são hábeis a regular as vidas. Os hábeis políticos que legislam, não moram nas áreas mínimas que impõem no RGEU e com que urbanizaram banalmente Portugal.

Eis-nos confinados pelo RGEU e pelo COVID, em subúrbios feios, monótonos; a um conforto ou uma reclusão do que nos é imposta, porque regulada. Quase todos a um território que tínhamos como familiar, mas que agora se nos afigura estranho e desconfortável. Fernando Pessoa disse, primeiro estranha-se e depois entra-nha-se; esta expressão aplica-se a quase todas as circunstâncias da vida, e mesmo as mais estranhas e limites, tem então a explicação pelo Síndrome de Estocolmo. É o que se passa; de não termos tempo para nada, temos tempo para tudo, demasiado. De desconhecermos o nosso território onde habitávamos e por vezes só dormíamos, que preenchamos de memórias e acontecimentos do quotidiano. Estamos agora vinculados todas as horas do dia à quantidade de metros quadrados que a sociedade nos reservou e à obrigação de revermos as estantes, despensas, gavetas. O filósofo Alain de Botton, escreveu em 2007 um ensaio chamado de Arquitetura da Felicidade. Descrevia que o nosso espírito é ditado por tudo aquilo que envolve e que a arquitetura é capaz de modificar as nossas vidas, afetivas e profissionais, influenciando o modo de sentir e ser de cada um e de todos. O que procuramos na habitação, está próximo do que queremos encontrar num amigo; mas por vezes não o encontramos e vamos vivendo apenas com os outros, que nos são indiferentes. Eis-nos quase todos confinados a espaços indiferentes, exíguos, despersonalizados, inóspitos.

O grande boom da construção do século XX, iniciados pós I guerra Mundial e pandemia da Influenza dita espanhola, em que ambas tinham dizimado quase todos os operários especializados – pedreiros, carpinteiros, picheleiros, queimado as florestas que forneciam a preciosa madeira da construção e inutilizado as pedreiras, virou-se de imediato para um tipo de construção rápido e

barato, estandardizado. Atualmente exíguas, herméticas, cheias de tecnologia barata, onde maquinalmente passávamos algum tempo. Agora, passamos todo o tempo disponível nessas áreas mínimas habitáveis, e a mera construção regulada que é imposta, é o nosso conforto diário do confinamento.

A Terra deixou de ser vista, o Mundo deixou de ser sentido; vemos e sentimos no curto prazo na pequenez dos écrans, uma realidade editada e filtrada. Só o emitido é aparentemente real e possível; conhecemos a impossibilidade da presença. Sentados nos sofás, somos testemunhas silenciosas e passivas de uma sociedade que nos rejeita. E confinados, engordamos. E desperdiçamos.

Afastamo-nos da Natureza, recusamos a cidadania, desprezamos a nossa analogia, abraçamos a digitalização; escondemos o rosto em máscaras, usamos luvas; perdemos a identidade do rosto e da impressão digital. Somos apenas um IP, anónimo, silencioso, numa espécie de expiação divina de um passado que vamos recusando; sem história e sem memória, avançamos a um novo futuro, em que a humanidade se cede à digiade. A nossa consciência é senão um algoritmo programado.

Conferimos agora que merecíamos mais, porque a arquitetura que foi inventada para um propósito maior do que o confinamento de famílias, deve poder devolver a felicidade de habitarmos as nossas casas. Esta realidade, nova para as nossas gerações, deve aprender algo importante, pela confirmação de que o nosso espaço, deve ser de felicidade.

